



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Artes

Yuli Vassilissa Anastassakis

Fixar memórias: o bordado como tentativa de frear o tempo

Rio de Janeiro

2019

Yuli Vassilissa Anastassakis

Fixar memórias: o bordado como tentativa de frear o tempo



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Orientadora: Prof^a. Dra. Regina Célia de Paula

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEHB

A534 Anastassakis, Yuli Vassilissa.
Fixar memórias: o bordado como tentativa de frear o tempo /
Yuli Vassilissa Anastassakis. – 2019.
54 f. : il.

Orientadora: Regina Célia de Paula.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio
de Janeiro, Instituto de Artes.

1. Bordado – Teses. 2. Memória na arte – Teses. 3. Arte –
Filosofia – Teses. 4. Tempo na arte – Teses. I. Paula, Regina Célia
de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Artes. III. Título.

CDU 746.3:7.01

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Yuli Vassilissa Anastassakis

Fixar memórias: o bordado como tentativa de frear o tempo

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Aprovada em 16 de dezembro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Regina Célia de Paula (orientadora)
Instituto de Artes - UERJ

Prof^ª. Dra. Leila Maria Brasil Danziger
Instituto de Artes – UERJ

Prof^ª. Dra. Zalinda Elisa Carneiro Cartaxo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2019

Para meu pai

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Regina de Paula pela ajuda e paciência.

À Leila Danziger, Cristina Salgado e Zalinda Cartaxo, pela participação nas bancas de qualificação e defesa.

Aos professores Luiz Claudio da Costa, Cristina Salgado, Inês Araújo, Regina de Paula e Leila Danziger pelas ótimas aulas durante o mestrado.

Aos colegas e amigos Maria Mazzillo, Daniella Paoliello, Fabiano Araruna, Thiago Barros, Aishá Kanda, Ian Schuler, Itala Isis, Carlos Contente, Bianca Madruga, Luiz Berbet, Chico Fernandes, por tornar o mestrado mais leve.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À UERJ e ao PPGARTES, por existirem.

À família Anastassakis, por tudo.

RESUMO

ANASTASSAKIS, Yuli Vassilissa. *Fixar memórias*: o bordado como tentativa de frear o tempo. 2019. 54 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Esse dissertação é uma reflexão sobre o meu processo de trabalho, costurando relações entre três pesquisas desenvolvidas nos últimos dez anos: *Captura cotidiana*, *Livrolinholinha* e *Proteção para tempos sombrios*. O texto desdobra-se a partir de questões sobre o bordado, o fio e a linha; o tempo do bordado, o tempo expandido e as tentativas de desaceleração; a relação das plantas com o tempo, com as pessoas e com suas crenças; os lugares de troca e encontro; a memória do tempo presente; as histórias narradas por aqueles que as viveram; a captura e arquivamento das coisas do mundo; o bordado como uma maneira de fixar memórias; a forma como tentamos fixar imagens e palavras e a maneira como elas tendem a desaparecer com o tempo – buscando também diálogo com teóricos como Walter Benjamin, Gilles Deleuze, Jeanne Marie Gagnebin, Tim Ingold, Georges Didi-Huberman, Giorgio Agamben, entre outros.

Palavras-chave: Memória. Esquecimento. Tempo. Captura. Bordado. Desaceleração.

ABSTRACT

ANASTASSAKIS, Yuli Vassilissa. *Retaining memories: embroidery as an attempt to brake time*. 2019. 54 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This dissertation is a reflection on the author's work process, weaving relations between three pieces of research developed by her over the past ten years: *Captura cotidiana*, *Livrolinholinha* and *Proteção para tempos sombrios*. The text unfolds from questions about embroidery, yarn and thread; the time of embroidery, the expanded time and the deceleration attempts; the relation of plants with time, with people and with their beliefs; the places of exchange and gathering; the memory of present time; the stories told by those who lived them; the capture and archiving of worldly things; embroidery as a way to retain memories; the way we try to retain images and words, and the way they tend to disappear over time – also seeking dialogue with theorists such as Walter Benjamin, Gilles Deleuze, Jeanne Marie Gagnebin, Tim Ingold, Georges Didi-Huberman and Giorgio Agamben, among others.

Keywords: Memory. Oblivion. Time. Capture. Embroidery. Deceleration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-	Captura de tela do Google Street View. 2011	12
Figura 2-	2012-05-31 às 14.36.28. Bordado sobre tecido. 50 x 50 cm. 2013	13
Figura 3-	2012-11-15 às 19.49.12. Bordado sobre tecido. 30 x 30 cm. 2013	14
Figura 4-	2010-11-06 às 22.17.03. Bordado sobre tecido. 50 x 50 cm. 2013	15
Figura 5-	2012-11-17 às 18.06.23. Bordado sobre tecido. 30 x 30 cm. 2013	16
Figura 6-	Captura de tela do arquivo da categoria <i>Sentados na rua</i>	17
Figura 7-	2010-11-07 às 12.20.54. Bordado sobre tecido. 2013	18
Figura 8-	Captura de tela do arquivo da categoria <i>Demonstrações públicas de afeto</i> .	19
Figura 9-	Série <i>Tempo contemplativo da reflexão</i> . Colagem digital. 2013	21
Figura 10-	Série <i>Tempo contemplativo da reflexão</i> . Colagem digital. 2013	21
Figura 11-	Série <i>Tempo contemplativo da reflexão</i> . Colagem digital. 2013	21
Figura 12-	Desenho digital. 2014	22
Figura 13-	Desenho digital. 2014	22
Figura 14-	Captura de tela do Google street view	22
Figura 15-	2011-08-30 às 17.39.48. acrílica sobre tela. 70 x 70 cm	23
Figura 16-	Captura de tela do Google street view	23
Figura 17-	Desenho digital. 2015	24
Figura 18-	Cartaz da residência	25
Figura 19-	Páginas do LivroLinhoLinha	26
Figura 20-	Página do LivroLinhoLinha	27
Figura 21-	Páginas do catálogo da residência	28
Figura 22-	Páginas do livro LinhoLinhoLinha	29
Figura 23-	Páginas do livro LinhoLinhoLinha	31
Figura 24-	Colagem de frases capturadas da internet	34
Figura 25-	Desenho digital. 2016	35

Figura 26-	Resistência para Tempos Sombrios. Bordado sobre linho. 2017	36
Figura 27-	Página do caderno de frases	37
Figura 28-	<i>Tempos de luta</i> . Espada de São Jorge, linho bordado. 2019	38
Figura 29-	<i>Tempos tenebrosos</i> . Espada de São Jorge, linho bordado. 2019	40
Figura 30-	Palavras recorrentes associadas as frases dos tempos sombrios	41
Figura 31-	Frases tempos sombrios bordadas no étamine. 2017	42
Figura 32-	Varal com tecidos bordados e caderno de frases. Exposição Dissecadas. Espaço Marques 456. 2017	43
Figura 33-	Varal com tecidos bordados e caderno de frases. Exposição Dissecadas. Espaço Marques456. 2017. Fotografia: Jaime Acioli	44
Figura 34-	Estudo de livro impresso com as frases dos tempos sombrios. 2019	45
Figura 35-	<i>Encontros Trocas Afetos</i> . Bordado sobre tecido. 2018	50

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	CAPTURA COTIDIANA	12
1.1	Capturar e arquivar	15
1.2	Reconstruir uma imagem lentamente	19
2	LIVROLINHOLINHA	25
2.1	Costurar encontros em residência	25
2.2	Texto Textura Têxtil Tecitura	28
3	PROTEÇÃO PARA TEMPOS SOMBRIOS	33
3.1	Os dias turbulentos	33
3.2	Os tempos sombrios	37
	CONCLUSÃO	49
	REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

Este trabalho parte da tentativa de tecer reflexões sobre as questões relacionadas ao meu processo de trabalho artístico, a saber, o pensamento sobre o bordado, o fio e a linha, o tempo do bordado, o tempo expandido e as tentativas de desaceleração, a relação das plantas com a temporalidade, com as pessoas e com suas crenças, os lugares de troca e encontro, a memória do presente, as histórias narradas por aqueles que as viveram, a captura e arquivamento das coisas do mundo, a forma como tentamos fixar imagens e palavras e a maneira como elas tendem a desaparecer, o bordado como uma maneira de fixar memórias.

A dissertação se estrutura em quatro capítulos. No primeiro, apresento a série *Captura Cotidiana*, trabalho desenvolvido entre 2010 e 2016 a partir da captura de imagens de passeios virtuais realizados através do *Google Street View* (GSV). Os passeios seguiam por ruas de diversas cidades do mundo todo sem que houvesse qualquer deslocamento físico, sem sair de casa. As imagens capturadas eram separadas por categorias e alocadas em um arquivo que fui alimentando ao longo dos anos. Divido este capítulo em duas partes. Inicialmente, discorro sobre a flanagem, o *Google Street View*, a captura/coleta de imagens e seu posterior arquivamento, categorização e reutilização, buscando mostrar como essas questões aparecem no desenvolvimento do trabalho. A segunda parte do capítulo reflete sobre o bordado como experiência de desaceleração e de alargamento do tempo.

No segundo capítulo, trato do processo que deu origem ao livro *LivroLinhoLinha*, resultado poético-visual desta pesquisa, que contém os desenhos e conversas coletados durante uma residência artística. Esse projeto traz à tona os aspectos conceituais que permeiam o trabalho, como o estar/trabalhar junto de outros artistas em uma situação de deslocamento, assim como reflexões sobre a linha, o fio e o bordado. Além da experimentação com os materiais, me interessa pensar o livro de artista e o bordado como dispositivos de conversa e encontro.

No terceiro capítulo, estabeleço uma costura reflexiva entre plantas, narrativas, *internet* e bordado. Partindo de uma pesquisa em que coletei na internet narrativas sobre o momento atual em nosso país, reflito sobre o desejo de guardar coisas que nos ajudem a lembrar. Busco capturar um dado momento histórico a partir da percepção e dos discursos

de pessoas comuns capturando frases que contenham as palavras “tempos sombrios” publicadas na internet nos últimos quatro anos. A partir dessa pesquisa, faço alguns questionamentos, tais como: por que nos referimos repetidamente a tempos sombrios? Que tempos sombrios seriam esses? Como as pessoas relacionam esses tempos de agora a outros momentos históricos também considerados sombrios? De que outras maneiras denominamos os tempos de agora?

Finalizo fazendo um apanhado das questões abordadas nos trabalhos pesquisados ao longo da dissertação. Procuo refletir sobre as maneiras que habitualmente utilizamos para “fixar” memórias. Pensar o bordado como uma tentativa de tentar segurar imagens e momentos que queremos que não se percam. Pensá-lo como uma maneira de tentar desacelerar o tempo, de tentar experienciar o tempo de outra maneira.

1 CAPTURA COTIDIANA

Ao longo dos anos, venho trabalhando com materiais retirados de arquivos que vou criando a partir da captura de coisas do mundo. Em 2010, comecei a juntar imagens capturadas de “cenas” do *Google Street View* (GSV). O GSV é um recurso que permite aos usuários explorar virtualmente o mundo (quase) todo. Criada pelo *Google*, em 2007, essa ferramenta de geolocalização permite essa exploração através de imagens capturadas por uma câmera acoplada ao teto de um carro que circula pelas vias de acesso público, capturando imagens que são posteriormente agrupadas em panorâmicas de 360 graus. A junção de cada ponto dessa captura cria um percurso que pode ser “percorrido” pelo usuário. Posso passear e conhecer lugares, andar sem um objetivo específico e observar a vida. Enquanto passeio, me deparo com imagens de situações que me chamam a atenção. São instantes capturados pelo GSV e recapturados por mim. Instantes da vida de milhares de anônimos, de gente que, por acaso, estava naquele lugar e naquela hora em que o carro do *Google* passou.

Figura 1- captura de tela do *Google Street View*.



Fonte: A autora, 2011.

Captura Cotidiana é o nome desse projeto em que colecionei imagens durante seis anos. Com o tempo, formei um grande banco de imagens, que foram separadas por categorias.

Percebi que cada imagem poderia estar em mais de uma categoria, podendo com isto formar diferentes séries de trabalho.

Figura 2 - 2012-05-31 às 14.36.28. Bordado sobre tecido. 50 x 50 cm.



Fonte: A autora, 2013.

Ao escolher determinada imagem, reconstruí parte dela como bordado. Não bordei exatamente o que tinha capturado, pois limpei as imagens, eliminando tudo que pudesse identificar as pessoas e os lugares. As pessoas bordadas nunca têm rosto, ou os rostos se fundem, ou estão de costas, nunca conseguimos ver quem são ou onde estavam. A intenção foi criar imagens abertas o suficiente para que cada um pudesse projetar ali seus próprios afetos, referências e memórias. Interessava-me a possibilidade de se criar narrativas ficcionais para as imagens que capturava. Em alguns trabalhos dessa pesquisa, utilizava o ponto-cruz, um ponto do bordado em que a imagem é construída por vários microquadrinhos. Bordar

seria uma maneira de tentar reconstruir a imagem de forma extremamente lenta, ponto por ponto, pixel por pixel.

Figura 3- 2012-11-15 às 19.49.12. Bordado sobre tecido. 30 x 30 cm.



Fonte: A autora, 2013.

1.1 Flanar, capturar e arquivar

Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. (...) Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas. (...) E de tanto ver que os outros quase não podem entrever, o flâneur reflete. As observações foram guardadas na placa sensível do cérebro; as frases, os ditos, as cenas vibram-lhe no cortical (BARRETO, 1991, p. 5).

Figura 4- 2010-11-06 às 22.17.03. Bordado sobre tecido. 50 x 50 cm.

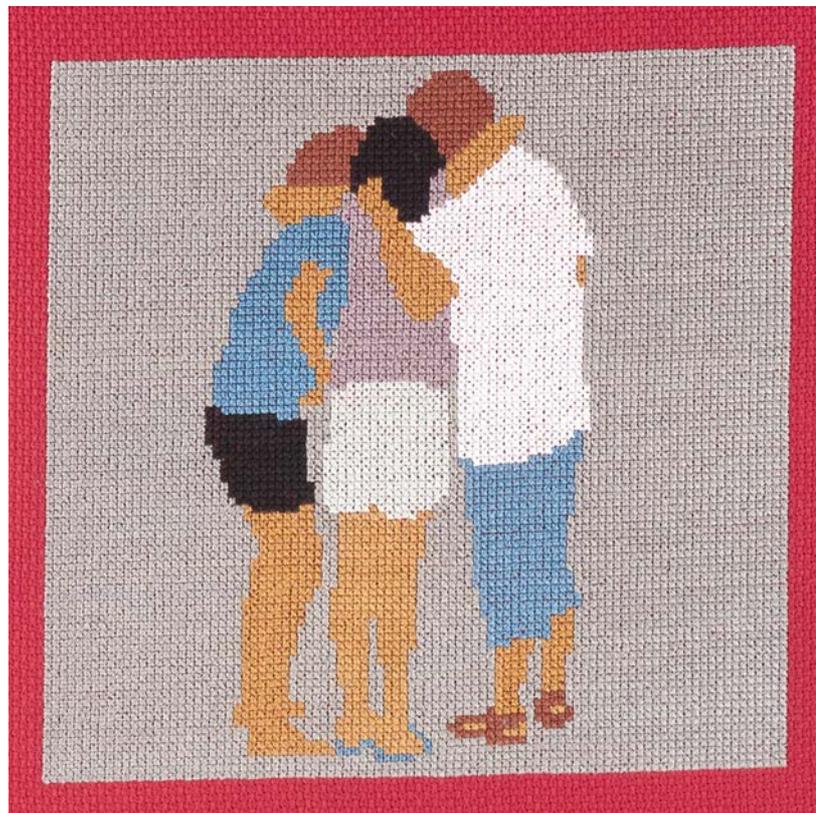


Fonte: A autora, 2013.

Essa pesquisa teve início com uma espécie de *flânerie* virtual, onde eu ia passeando, observando e capturando imagens através do *Google Street View* (GSV). O *flâneur* baudelairiano passeava pelas ruas e galerias da cidade, caminhando por entre a multidão sem rumo certo e sem pressa. Como descreveu Walter Benjamin “em torno de 1840, foi de bom tom levar tartarugas a passear pelas galerias. De bom grado, o *flâneur* deixava que elas lhe prescrevessem o ritmo de caminhar” (BENJAMIN, 1994, pp. 50-51). Tratava-se de um

caminhar com a percepção aberta para novas experiências, como se assim fosse possível redescobrir a cidade a cada dia. Figura associada à Paris do século XIX e à modernidade, o *flâneur* seguia seu caminho quase sem ser notado, frequentemente sem interagir com ninguém. O seu objetivo era andar pelos lugares e ir capturando o ambiente, os acontecimentos. O *flâneur* virtual seria aquele que reproduz esse tipo de passeio pelo espaço virtual, pelo ciberespaço, pela internet.

Figura 5- 2012-11-17 às 18.06.23. Bordado sobre tecido. 30 x 30 cm.



Fonte: A autora, 2013.

Segundo Mike Featherstone,

Tal como o flâneur do século XIX, que combinava as perspectivas do passeante buscando as sensações estéticas e a estranheza dos lugares e das multidões, e como o detetive que procurava pistas na cidade que se transformou num vasto labirinto de vestígios de informação, o flâneur da realidade virtual nas cidades simuladas do ciberespaço é capaz de adotar, os dois modos. (...) Ao mesmo tempo, dentro desse mundo de simulação criado digitalmente, não se precisa apenas passear: como o flâneur urbano, pode-se também voar acima da cidade de dados, ou saltar imediatamente para outras zonas do espaço virtual. Embora se possa ter uma simulação da "espessura" da existência corporal cotidiana, não é preciso bater com a cabeça quando se entra num muro nem ficar cansado com a perspectiva de uma longa caminhada de volta para casa quando se está perdido num bairro estranho da cidade: basta saltar fora: de situação, afastar-se do local com um zoom, de tal forma que a cidade simulada aparece abaixo, como um mapa tridimensional (2000, p. 78).

Assim como o flâneur baudelairiano, exercia a minha ociosidade em meus passeios, mas diferentemente dele, o meu mergulho no coletivo não estava nas ruas, mas no labirinto virtual de imagens do GSV, onde ia me perdendo, capturando imagens, atenta ao que encontrava pelo caminho, fosse da tela do computador ou do telefone celular, fazendo uma cópia (*print screen*) do que aparecia na tela. Esse “*print screen*” cria um documento com a data e o horário da captura, tal como *Captura de tela 2010-11-06 às 22.16.40*, onde aparece a data e o horário da captura.

Figura 6- Captura de tela do arquivo da categoria *Sentados na rua*



Fonte: A autora, 2011.

Capturar seria uma maneira de se apropriar de coisas que estão no mundo, significa prender, aprisionar, deter, apreender, tomar, segurar, fixar alguma coisa ou alguém. Capturar imagens, palavras, conversas, discursos, narrativas de uma época. Capturar os sentimentos que são compartilhados. Capturar e guardar imagens, pedaços de conversas, palavras ou

simplesmente aquilo que queremos relembrar. Coletar fragmentos da vida cotidiana e alimentar essa coleção. Coleção de plantas, de palavras, de fotos, de discurso, de notícias, de memórias, de esquecimentos. Segundo Benjamin, “o colecionador é tocado bem no início pela confusão, pela dispersão em que se encontram as coisas no mundo” (BENJAMIN. 2009, p. 237), ele tenta juntar e organizar o que encontra para lhes dar algum sentido, pois são essas palavras, objetos ou fotos que alimentam nossa memória, servindo como um instrumento de rememoração. É através do que guardamos que podemos reviver, relembrar, repensar. Compor uma coleção implica não só no ato de coletar objetos, mas no exercício de selecionar e eleger quais deles serão exibidos ou trabalhados. O artista que trabalha com arquivos retira o objeto de seu contexto e o reorganiza em uma nova ordem.

Figura 7- 2010-11-07 às 12.20.54. Bordado sobre tecido.



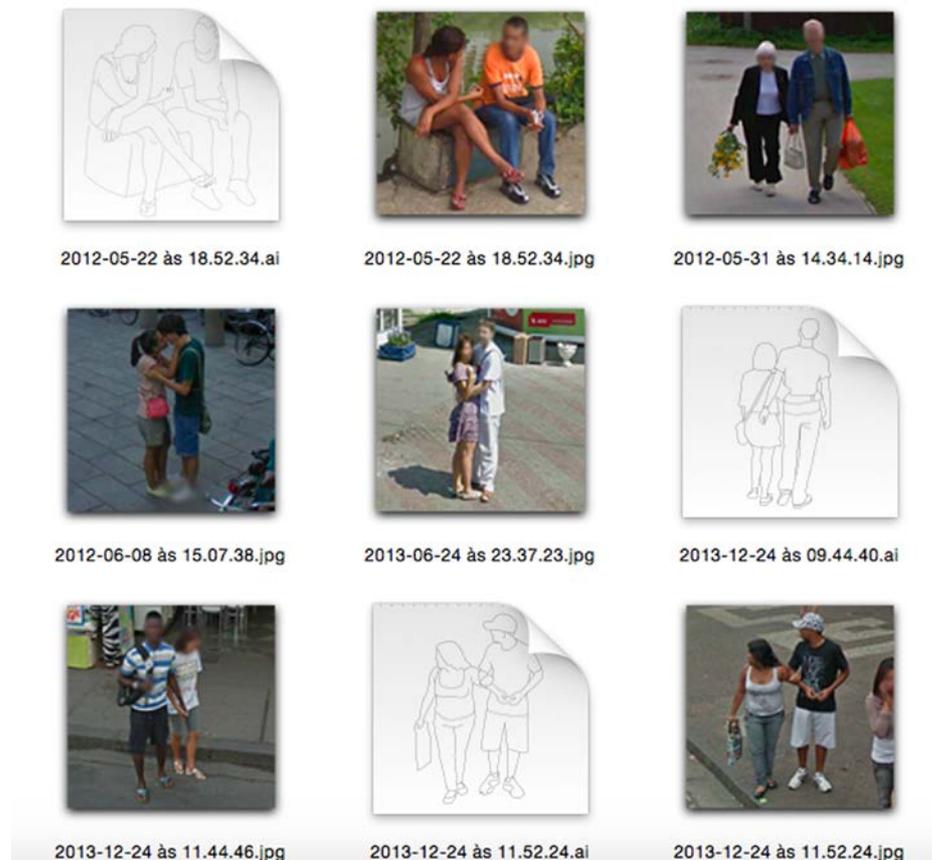
Fonte: A autora, 2013.

Desde a sua criação, o *Google Street View* tem sido usado por diversos artistas através da captura de tela do computador (*print screen*) ou pela fotografia. Tais artistas buscam criar narrativas próprias, ressignificando as imagens capturadas a partir da sua retirada de seu lugar original. A *Series of Unfortunate Events*, de Michael Wolf, por exemplo, é composta por imagens do GSV de eventos estranhos ou bizarros, capturadas por acaso, refotografadas pelo fotógrafo. Jon Rafman, com sua série *9eyes* (o número de lentes da câmera do GSV), segue no mesmo caminho, mas enfatiza imagens em que as pessoas fotografadas olham para a câmera. Como eles, também me interesse pela captura pelo GSV e por uma seleção particular. Talvez o que a todos interesse é, no meio desse abarrotamento de imagens, buscar alguma conexão neste vasto material de imagens. conexão neste vasto material de imagens.

1.2 Reconstruir uma imagem lentamente

A partir da captura de imagens *online*, criei um grande banco de imagens e, ao analisá-las, percebi afinidades e comecei a agrupá-las. Assim, criei categorias, tais como

Figura 8- Captura de tela do arquivo da categoria *Demonstrações pblicas de afeto*



Fonte: A autora, 2011.

“demonstrações públicas de afeto”, “lugar nenhum”, “do portão pra dentro” e “deitados na grama”. Percebi também que cada imagem poderia estar em mais de uma categoria; então, uma mesma imagem pode estar presente em vários grupos.

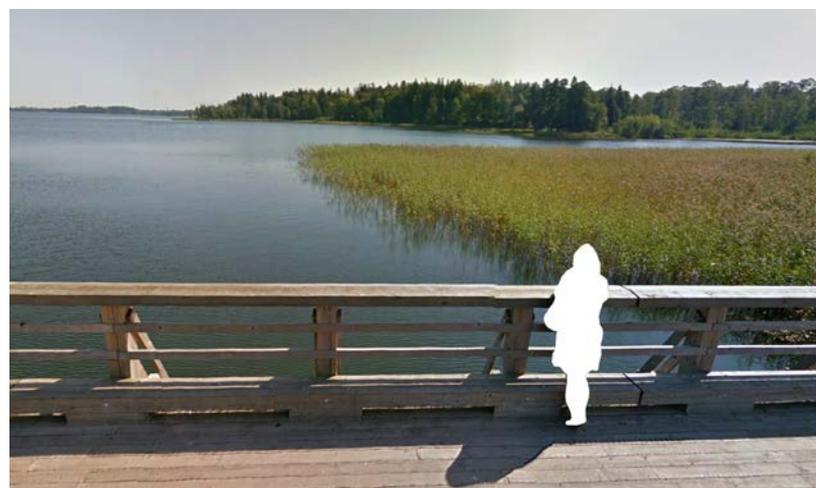
Por meio da apropriação de imagens pela captura da tela do computador, posso criar um conjunto de imagens que, deslocado de contexto, pode ser ressignificado. As “cenas” cotidianas capturadas pela câmera do *Google* e recapturadas por mim, imagens de lugares vazios ou de instantes da vida cotidiana nas ruas das cidades.

Em trabalhos anteriores, eu utilizava fotografias antigas em que apagava os rostos das pessoas com a intenção de que cada um pudesse se ver naquelas fotografias, tão comuns em álbuns de família. Escolhia fotos da minha própria família ou de fotografias compradas em feiras de antiguidades e bordava os rostos, apagando qualquer possibilidade de reconhecimento. E, sem rosto, qualquer fotografia pode ser uma fotografia da sua própria família, pois, de alguma maneira, todas as fotos de família da era pré-digital são bem parecidas: as poses, as arrumações, os cenários, registro dos momentos marcantes e especiais. Uma das coisas que me chamou atenção no GSV foi justamente o fato de que as pessoas não podiam ser identificadas. Uma das regras da empresa é apagar os rostos das pessoas capturadas, com a justificativa de preservação à sua privacidade. Ao mesmo tempo em que oferece a opção de desfoque da imagem de casas e pessoas, a empresa avisa, em tom de alerta, que o apagamento é permanente.

Desenvolvemos uma tecnologia de ponta para desfocar rostos e placas de veículos que podem ser identificados nas imagens do Street View criadas com a colaboração do Google. Se você notar que seu rosto ou a placa do seu veículo precisa de um desfoque mais acentuado ou se quiser que desfoquemos sua casa ou carro por completo, envie uma solicitação... (...) Se você enviar uma solicitação para que sua casa seja desfocada nas imagens do Street View, todas as imagens antigas e futuras dela também serão desfocadas. (In:<https://www.google.com/intl/pt-BR/streetview/policy/> acesso em 02 de junho de 2019.)

A seguir, apresento algumas das séries desenvolvidas a partir das imagens arquivadas. Em *Tempo contemplativo da reflexão*, usei imagens de pessoas olhando para o horizonte, pensativas ou olhando a vista. Neste trabalho, apaguei as pessoas da imagem, deixando quase um buraco, um vazio.

Figuras 9, 10, 11- Série *Tempo contemplativo da reflexão*. Colagem digital.



Fonte: A autora, 2013.

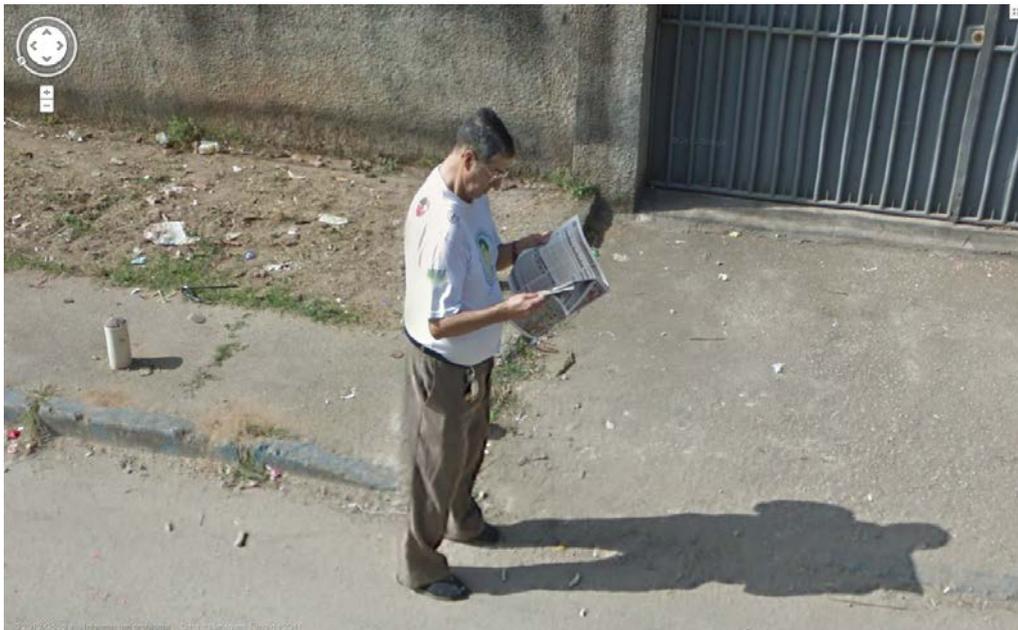
Em outra categoria, juntei pessoas lendo nas ruas - pessoas na praia lendo, pessoas nas praças lendo, pessoas em pé lendo.

Figura 12, 13- Desenhos digitais.



Fonte: A autora, 2014.

Figura 14- Captura de tela do *Google street view*



Fonte: A autora, 2014.

Na categoria *Interno/externo* agrupei imagens de casas muradas pelas cidades. Pela altura da câmara do GSV podemos ver através dos muros das casas. Fiz algumas pinturas dessa série.

Figura 15- 2011-08-30 às 17.39.48. acrílica sobre tela. 70 x 70 cm



Fonte: A autora, 2011.

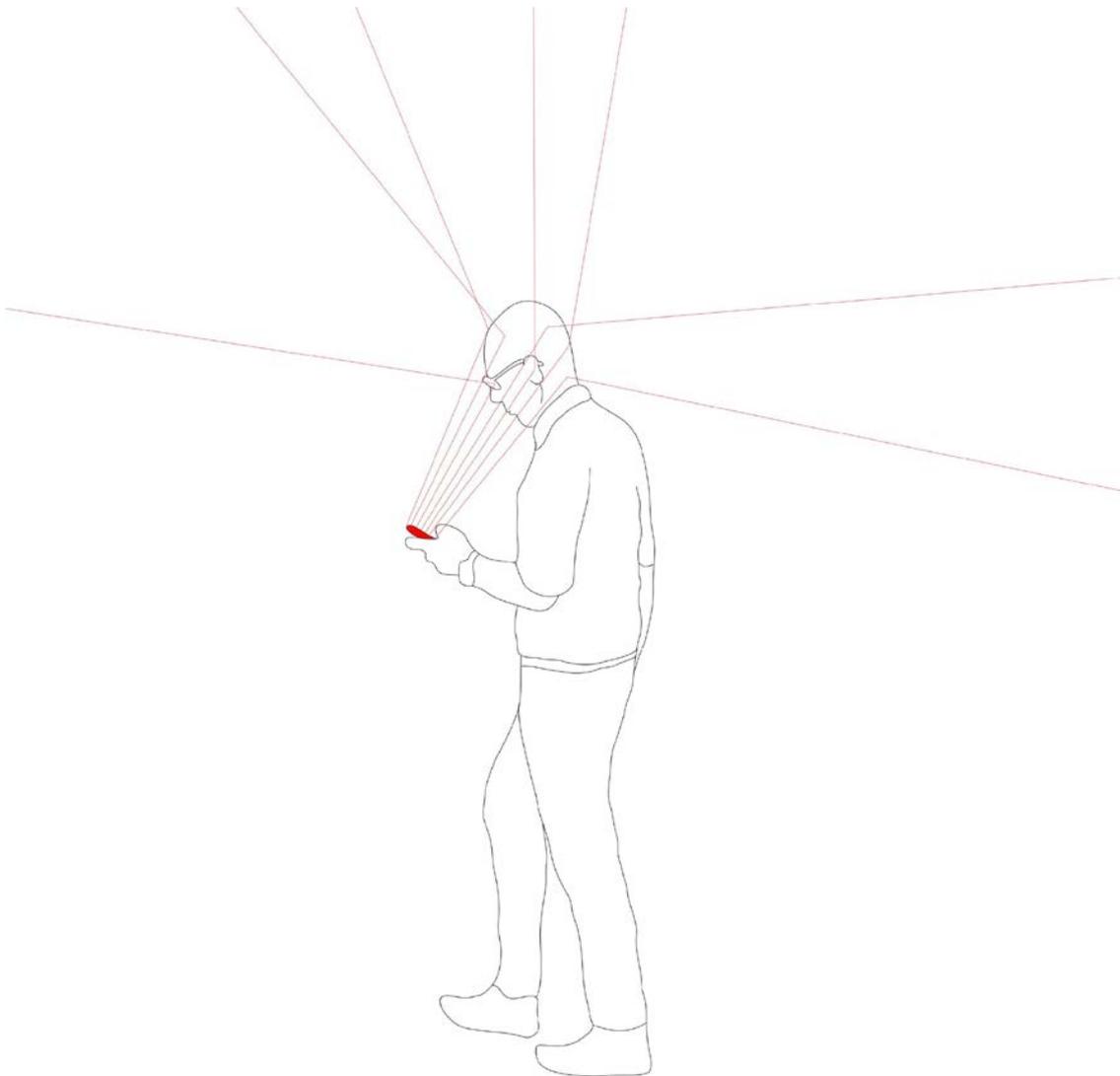
Figura 16- captura de tela do *Google street view*



Fonte: A autora, 2011.

Na categoria *Manual de Trabalhos Manuais*, por exemplo, agrupei imagens de pessoas tecendo nos seus aparelhos celulares. Os gestos e posições se repetem: cabeças abaixadas e braços dobrados em direção da cabeça. As pessoas circulam na cidade sem se olhar.

Figura 17- Desenho digital.



Fonte: A autora, 2015.

2 LIVROLINHOLINHA

2.1 Costurar encontros em residência

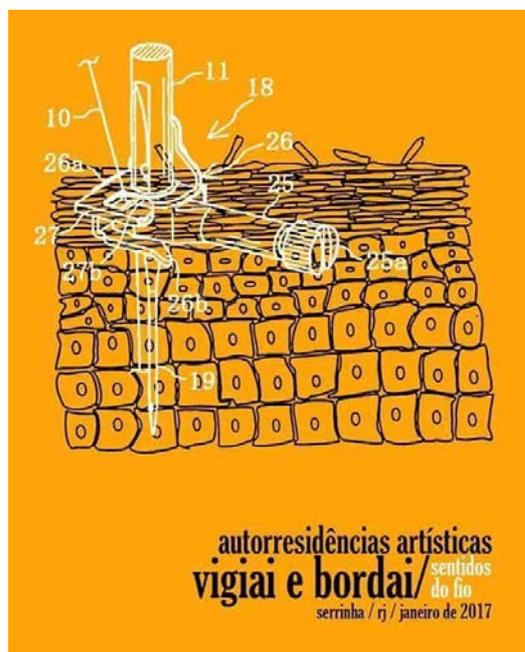
Esse capítulo parte da vivência de uma semana no início de 2017 na residência artística *Vigiai e Bordai*. Tendo como tema *Dos sentidos do fio*, a residência aconteceu na serra fluminense. Organizada com a proposta explorar as possibilidades de criação artística e colaborativa do fio, ela contou com a presença de doze artistas afins de várias partes do Brasil. “A proposta nasceu do desejo de ativar a tessitura sensorial e perceptiva, gerar trocas e pensar o ato de bordar como ato político e orgânico. O fio se apresenta como tecnologia para promover encontros” (FIO..., 2017).

Entre os residentes estava, por exemplo, um artista que trabalha bordando o próprio corpo, uma fotógrafa que borda suas fotos, uma figurinista que borda frases nas roupas que produz, uma artista que borda lenços com fios de cabelo, e uma professora de artes que realizou uma pesquisa de mestrado sobre o fio. Cada um trabalhando com seus materiais, técnicas e poéticas próprias, mas todos lidavam com fios.

Uma residência artística é um período de pesquisa, criação, reflexão e troca em uma situação de deslocamento. É a possibilidade de trabalhar em um tempo e espaço diferentes do que estamos acostumados no dia-a-dia. Estar em movimento, se deslocar, procurar desvios e caminhos inexplorados nos dá a possibilidade de ver e sentir as coisas de outra maneira. Sair da cidade permite outra experiência do tempo, sair de um ritmo acelerado para outro mais lento. Mudando as coisas de lugar, nossa percepção sobre elas também muda. E é o estar em movimento que produz outros sentidos para as coisas à nossa volta.

Fazer uma residência seria uma maneira de se colocar em aberto para a criação e a troca com outras pessoas: as pessoas, as pesquisas, a casa, tudo junto formando um emaranhado de fios. Segundo o antropólogo britânico Tim Ingold, o artista seria um

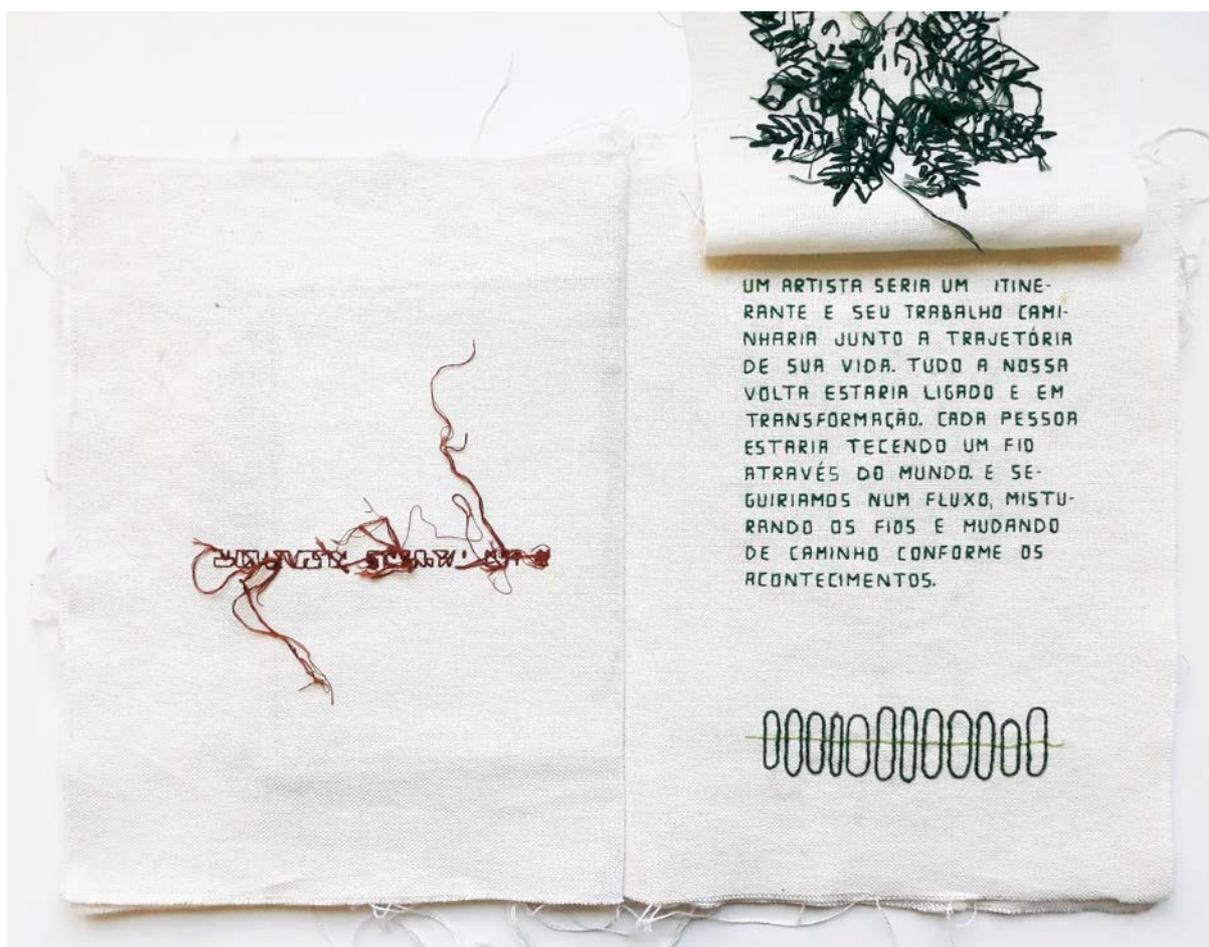
Figura 18- Cartaz da residência



Fonte: A autora, 2017.

itinerante, e seu trabalho caminharia junto à trajetória de sua vida. Tudo à nossa volta estaria ligado e em transformação. E seguiríamos neste fluxo incessante, misturando-nos ao mundo, dispostos a mudar de caminho conforme os acontecimentos. A vida estaria sempre em aberto, em processo. O objetivo de elaborarmos uma trajetória através da criação artística não consistiria chegar a um fim, mas continuar seguindo em frente, se conectando com o próprio devir do mundo.

Figura 19 - Páginas do LivroLinhoLinha



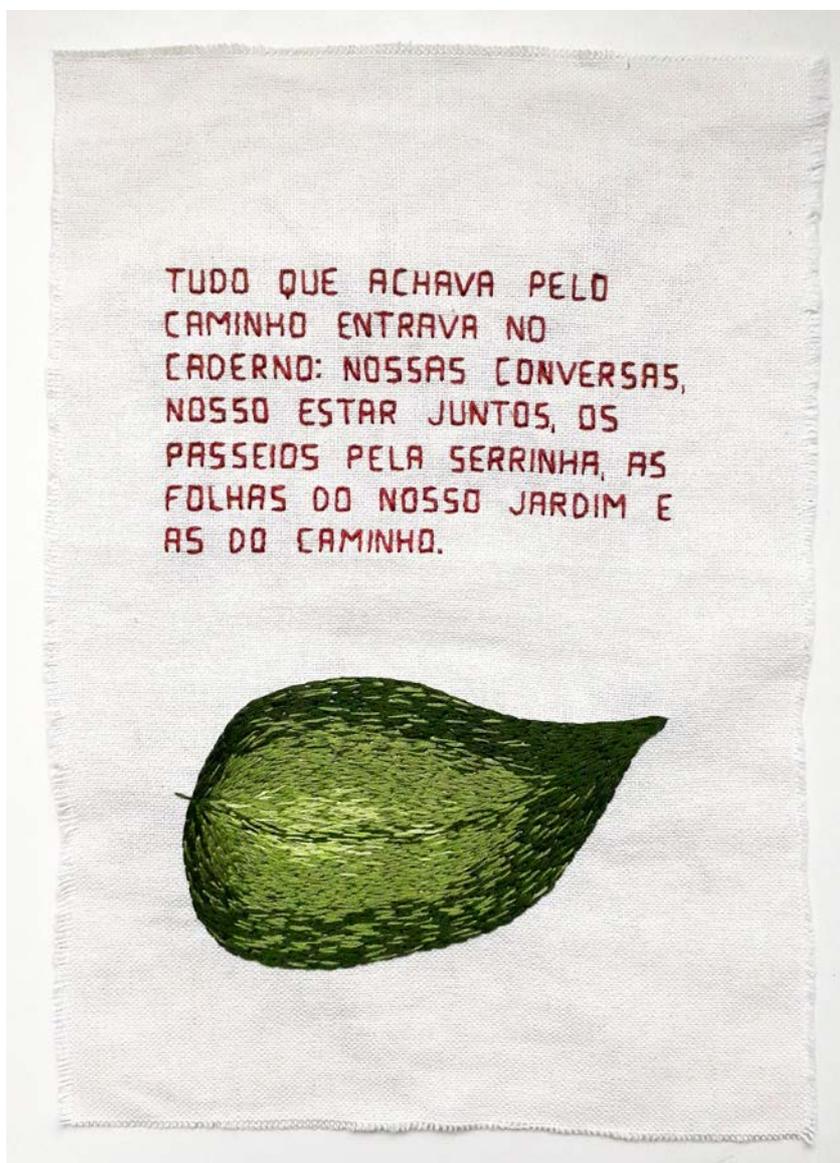
Fonte: A autora, 2018.

De acordo com Ingold, “um trabalho de arte, insisto, não é um objeto mas uma coisa – e, como argumentou Klee, o papel do artista não é reproduzir uma ideia preconcebida, nova ou não, mas juntar-se a e seguir as forças e fluxos dos materiais que dão forma ao trabalho” (INGOLD, 2011, p. 38). Para o antropólogo, um objeto seria diferente de uma coisa, esta última, um agregado de fios vitais. Um objeto seria algo acabado, finalizado, enquanto uma coisa seria um ‘acontecer’, ou um lugar onde vários aconteceres se entrelaçam. Cada pessoa

estaria tecendo um fio através do mundo e a coisa seria uma união de fios. “Assim concebida, a coisa tem o caráter (...) de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós” (ibid., p. 29).

Para o geógrafo sueco Torsten Hägerstrand, citado por Ingold, cada elemento constituinte do ambiente – humanos, animais, plantas, pedras, prédios – se move através do tempo e se encontra. Esses encontros não se dariam por pontos conectados, como numa rede, mas por linhas entrelaçadas, como numa malha. Desse emaranhado, parecido com um denso tapete de vegetação, é feito o tecido do mundo.

Figura 20- Páginas do livro LinhoLinhoLinha



Fonte: A autora, 2018.

2.2 Texto Textura Têxtil Tecitura

Ao ser convidada para a residência mencionada, pensei em levar um caderno de viagem onde pudesse registrar percepções e vivências, mas no meio da confusão com os preparativos de viagem, acabei não conseguindo comprar um caderno. Conversando com outros residentes, comentei sobre minha vontade de registrar o encontro e sobre o fato de não ter conseguido o caderno. Algum tempo depois, recebi de presente de diferentes pessoas algumas folhas de papel. Eram folhas de diferentes texturas e gramaturas que transformei em um caderno e, nele, durante os sete dias, desenhei, bordei, coleí folhas encontradas no jardim e durante os nossos passeios. Tudo que achava pelo caminho entrava no caderno. À noite, todos se reuniam na sala para conversar sobre os muitos sentidos do fio, do bordar e do tecer, e sobre o ato e o pensamento do fio na arte e na vida. Fui anotando frases soltas daquelas conversas nas folhas do caderno. Com um pedaço de linho, fiz a capa.

Figura 21- Páginas do catálogo da residência



Yuli Anastassakis

Sair da cidade. Viajar. Procurar novos caminhos. Ver e sentir as coisas de outra maneira. Viver outro tempo. Estar em casa. Conviver. Trocar. Se deixar afetar. Entrelaçar. Se reunir para costurar, bordar e conversar sobre os muitos sentidos do fio, do bordar e do tecer. Ir juntando todos os achados em um caderninho imaginário: nossas conversas, nosso estar junto, nossos passeios, as folhas do jardim e as do caminho. Costurar experiências. Desenhar caminhos. Bordar afetos.

As linhas, os papéis e os tecidos são feitos de plantas e vida. Onde há vida há movimento, fluxo, deterioração, mistura e transformação. Segundo o antropólogo Tim Ingold, um artista seria um itinerante e seu trabalho caminhará junto à trajetória de sua vida. Cada pessoa estaria tecendo um fio através do mundo. Tudo a nossa volta estaria ligado e em transformação. E seguirmos num fluxo, nos misturando ao mundo e mudando de caminho conforme os acontecimentos. A vida estaria sempre em aberto, em processo. Cada elemento constituinte do ambiente - humanos, animais, plantas, pedras, prédios - se moveria através do tempo e se encontraria. Esses encontros não se dariam por pontos conectados, como numa rede, mas por linhas entrelaçadas, como numa malha. Desse emaranhado que se parece com um denso tapete de vegetação é feito o tecido do mundo.

Fonte: A autora, 2017.

Voltei com uma espécie de boneca de um livro – as folhas estavam soltas, podendo ser reordenadas de vários modos. Ao longo dos dez meses seguintes, experimentei o trabalho de fazer livros à mão, testando variações do caderno com desenhos, frases, bordados, folhas, papéis com texturas e gramaturas diferentes. No início, pensava em fazer muitos livros –

todos feitos à mão – para serem distribuídos no dia da exposição. Seriam pequenos livretos, como um cordel, em que cada um seria diferente do outro. Todos eles teriam uma mesma base de textos a partir da qual seriam feitas pequenas intervenções com bordado. Entre essas páginas, entrariam outras páginas com desenhos únicos de plantas imaginárias de proteção. Parte desses desenhos foi exposto em uma ocupação de um dia que fizemos no Ateliê Oriente, em junho.

Essa experiência só aumentou meu interesse pela investigação do livro como objeto poético. Um livro pensado como espaço experimental seria uma espécie de colagem de imagens, palavras, texturas, cheiros e sensações. Interessava-me o modo de produção artesanal do objeto livro. Estar costurando e bordando um livro. Experimentar o processo, os materiais e as trocas.

Figura 22- Páginas do livro LinhoLinhoLinha



Fonte: A autora, 2018.

Ao retornar da residência, passamos a nos encontrar regularmente para juntos desenvolvermos uma exposição com os resultados daquela nossa experiência. Assim, pensamos e trabalhamos em um catálogo e no que cada um de nós apresentaria. A exposição aconteceu em novembro de 2017, no espaço Saracura, na Zona Portuária do Rio de Janeiro. Meu trabalho final foi um livro bordado em linho com alguns daqueles fragmentos de

conversas, desenhos e ideias retiradas de leituras sobre o bordar, sobre a linha e o fio e sobre o estar e trabalhar junto.

O livro foi exposto em cima de um totem e as pessoas podiam folheá-lo sem luvas. O contato livre do livro com o público seria uma maneira de lentamente apagar o que estava escrito/bordado. O fato de as páginas não possuírem bainha ajudou nesse processo. O tecido foi aos poucos soltando suas linhas e se desmanchando. Minha questão mobilizadora foi: qual será a ação do tempo e das mãos sobre o tecido?

Pegar e sentir o trabalho. Passar a mão. Materializar palavras que vão se desmaterializando com o tempo. Ver com as mãos é um prazer tátil. Em *LinhoLinhoLinha*, o trabalho faz você parar e mexer e ficar um tempo. Gastar tempo. Alargar o tempo. Sentir as letras. Ver o que está por trás. Ver o lento desfazer do tecido do livro. Botar o livro na roda e assistir às suas mudanças. As linhas, os papéis e os tecidos são feitos de plantas e de vida. Esta experiência aberta por este trabalho tenta se conectar com aquela dimensão da existência apontada por Ingold, que afirma: “onde quer que a vida esteja acontecendo, os materiais estão incansavelmente em movimento, fluindo, se deteriorando, se misturando e se transformando” (INGOLD, 2011, p. 61).

No trabalho da artista italiana Maria Lai, o fio está por toda parte. Ela costurou muitos livros em tecido, onde bordava textos imaginários, onde as palavras não tinham letras e onde os fios saíam para todos os lados. Eram, em suas próprias palavras, como livros de contos de fada, que iam se desfazendo com o tempo. Já Louise Bourgeois, em seu livro de tecido bordado *Ode a l'Oubli* (2002), lida também com a passagem do tempo pelo viés de lembranças reprimidas. O tecido, a linha, o manuseio que o livro permite, o desgaste, tudo isso possui um apelo sensorial, que nos leva a pensar no tempo. A vida formada por sucessivos pontos que formam uma linha.

Em meu processo de trabalho, percorro um caminho que nunca parece ter fim. O bordado é um trabalho contínuo que vai se modificando ao longo do seu fazer, deixo muitas linhas soltas, que precisam estar fixas em alguns pontos e soltas em outros. O avesso do bordado é um emaranhado de linhas e nós deixados à mostra, uma vez que o verso, muitas vezes, deve ser também exibido. Na parte da frente, a linha flui pelo tecido formando desenhos que criam percursos, caminhos que a linha percorre, ponto em movimento. Como

diz a artista paulista Edith Derdyk, a linha é “espelho do gesto”, “é o depósito gráfico da pulsão, do ritmo, do movimento, da ação motora e energética” (DERDYK, 1988, p. 144).

A linha é uma divisória incerta. Mede e potencializa a sutileza do limite, prevê um ponto de partida e um ponto de chegada que às vezes pode nunca mais chegar. (...) A linha ocupa um espaço entre. A linha não é pertinente. Desvenda a relação entre os objetos sem ser totalmente algum deles. (...) A linha empresta contorno ao mundo, caminha pela superfície das coisas e quando isso acontece a linha se estende infinitamente (DERDYK, 1997, p. 05).

Figura 23- Páginas do livro LinhoLinhoLinha



Fonte: A autora, 2014.

De acordo com os pensadores Gilles Deleuze e Félix Guattari, somos seres constituídos de feixes de linhas emaranhadas. A vida seria vivida ao longo dessas linhas. Como forma de explorar este nosso aspecto existencial, Deleuze e Guattari recorrem à imagem botânica do rizoma, que contrapõem à figura da árvore. Segundo os autores, a imagem arborescente foi constantemente privilegiada como parâmetro no ocidente, o que determinou todo um modo de pensamento que, segundo eles, não dão conta de nossas possibilidades de existência. Um rizoma não teria começo nem fim, ele se encontraria sempre no meio, entre. Um rizoma não é como a raiz de uma planta, onde existe um eixo principal que vai se ramificando, pois “a árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’” (DELEUZE, 1996, p. 36).

Dada esta constituição, não há motivos para seguir uma linha reta, uma vez que, para o filósofo, “não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (ibid., p. 16) Ao contrário da árvore, com suas raízes, bem fincadas no solo, as linhas se espalham, se encontram, se confundem, o rizoma cresce para todos os lados, por onde há espaço e possibilidades de contato e conexão. As linhas não se fecham e são sempre ultrapassadas por outras linhas que as atravessam. Um rizoma é aberto a experimentações e não há ligações definitivas. Por isso as linhas podem fugir, se esconder, se embolar, criar nós ou mudar de caminho. Ao invés de um pensamento do fundamento estável, da identidade sólida, do sedentarismo, Deleuze e Guattari propõem o pensamento do nomadismo, dos encontros, do desfiar de fios e seu estender a todas as direções.

3 PROTEÇÃO E RESISTÊNCIA PARA TEMPOS SOMBRIOS

Gostaria aqui de lhes propor uma segunda definição da contemporaneidade: contemporâneo é aquele que mantém o olhar fixo em seu tempo, para perceber não as suas luzes, mas sim as suas sombras. Todos os tempos são, para quem experimenta sua contemporaneidade, escuros. Contemporâneo é quem sabe ver essa sombra, quem está em condições de escrever umedecendo a pena nas trevas do presente. (...) ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capazes não apenas de manter o olhar fixo na sombra da época, mas também perceber nessa sombra uma luz que, dirigida até nós, se afasta infinitamente de nós. (...) É como se essa luz invisível que é a escuridão do presente projetasse sua sombra sobre o passado, e este, tocado por seu feixe de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora (AGAMBEN, 2009, p. 64).

3.1 Os dias turbulentos

Desde 2016, tenho pesquisado e selecionado frases que alimentam um arquivo que uso como base para meus trabalhos. Esse arquivo parte do desejo de tentar juntar e guardar o que está sendo escrito, sentido ou percebido sobre o momento atual do Brasil. A pesquisa surge da percepção de uma repetição de certas palavras/expressões publicadas na internet. Quando escutamos ou lemos repetidamente certas palavras, elas começam a chamar nossa atenção; em meados de 2016, as palavras “dias turbulentos” começaram a se destacar no meio de tantas outras. Naquele momento, essas palavras faziam muito sentido para mim, tanto por meu momento pessoal, quanto pelo momento político e social do nosso país.

Após uma vitória apertada nas eleições presidenciais de 2014, passando por uma crise econômica e política, pelo pedido de *impeachment*, por áudios vazados onde se falava “de um grande acordo nacional, com supremo, com tudo” e por votação com homenagem a torturadores, a Presidenta Dilma Rousseff foi afastada em definitivo em agosto de 2016. Muitos passaram a se referir àquele momento que estávamos vivendo como um momento turbulento.

Figura 24- Colagem de frases capturadas da internet

A mudança climática está alterando as correntes de ar e a frequência das turbulências

Viver é deixar fluir a essência daquilo que somos em meio à turbulência que nos cerca, sem temores ou ansiedade.

Temer diz que turbulência política no Brasil é 'página virada'

Quando nos deixamos capturar pelas turbulências externas ou internas, fechamo-nos ao novo e criamos bloqueios que impedem a vida de fluir.

Esta forma de estar na vida devia ser a norma e não, sobretudo nos dias turbulentos da discussão política de hoje, cada vez mais a exceção.

A passagem entre um modelo de privilégio para um modelo de responsabilidade não se faz sem turbulência

Na travessia da existência, todos nos deparamos com momentos e situações de turbulência, em que o chão parece ruir e em que nos sentimos sem forças para seguir caminhando.

A turbulência passada deixa rastros e desgosto.

Ainda que os tempos sejam de turbulência, não devemos temer.

Fonte: A autora, 2016.

Turbulência se refere àquilo que é desordenado, agitado, turvo, incerto, imprevisível, aquilo que tira a tranquilidade ou a ordem, que cria desassossego ou agitação. Dias turbulentos seriam aqueles momentos onde muitas coisas acontecem ao mesmo tempo e não temos nenhuma capacidade de prever o instante seguinte. Na física, a turbulência é designada como um movimento desordenado de um fluxo e acontece quando um conjunto de moléculas de determinado fluido se movimenta de forma desordenada, sem que se possa calcular seu comportamento.

Figura 25- Desenho digital.



Fonte: A autora, 2016.

A partir de então, comecei a pesquisar e guardar frases que contivessem as palavras turbulência/turbulento. Com o tempo, juntei mais de duzentas frases com essas palavras. Capturava a frase, transformando-a em imagem. Interessava-me manter a fonte original e a diagramação exatamente da maneira que estavam na internet. A pesquisa buscava por frases que tivessem a palavra turbulência e suas variações, sem levar em consideração o teor do que estava escrito. Ia simplesmente juntando as frases-imagem e fazendo um apanhado diverso do uso de tais palavras. Os assuntos iam do momento político e social no Brasil e no mundo em diferentes épocas, passando pela matemática, mecânica dos fluidos e por relatos de pânico em voos turbulentos.

Nesta mesma época, estava colecionando fotos de espadas-de-são-jorge ou de espada-de-santa-bárbara que ia encontrando pelas ruas. As fotos das espadas viravam desenhos e bordados. Em um dado momento, a coleção de espadas se juntou à de frases. Fui incorporando palavras ou fragmentos de frases nessas imagens. Juntei essas frases aos desenhos de pessoas capturadas do *Google Street View* com espadas-de-são-jorge no lugar da cabeça. Tinha a intenção de associar a proteção e a resistência dessas plantas como uma maneira de incorporar tais qualidades, criando seres híbridos, meio plantas, meios humanos.

Essas plantas são muito populares e costumam ficar na frente de residências e de estabelecimentos comerciais como forma de proteção contra mau-olhado e inveja. As *Sansevierias*, como são chamadas cientificamente, se multiplicam e se espalham com facilidade, são fortes, resistentes, vivem bem em solos pobres e com pouca rega. Essas plantas têm papel fundamental nas religiões de matriz africana, onde são consideradas sagradas, simbolizando proteção e resistência.

Figura 26- Resistência para Tempos Sombrios. Bordado sobre linho.

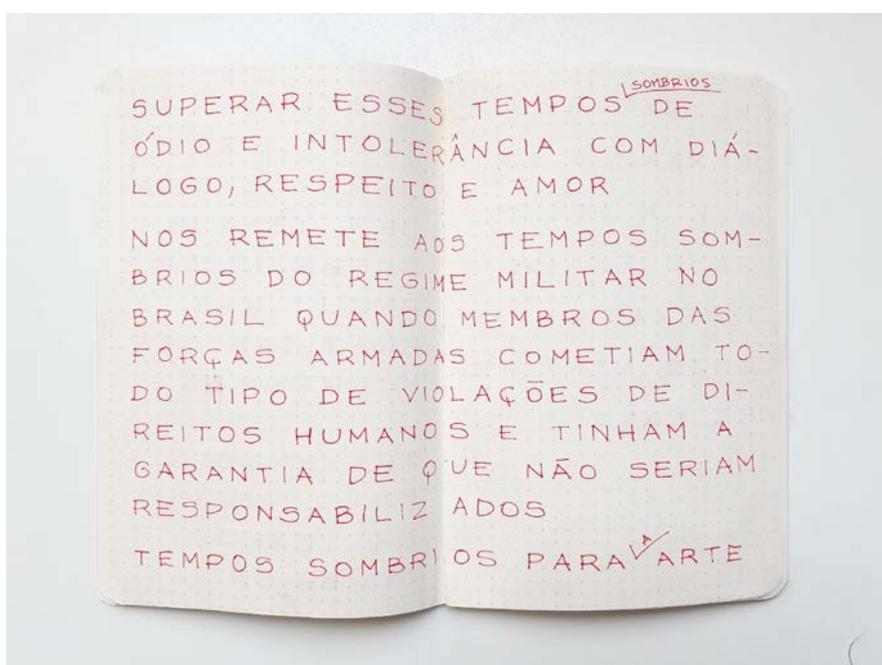


Fonte: A autora, 2017.

Pensar a espada como um modo de refletir e agir, um modo de ser e estar no mundo. Pensar em como as plantas se comunicam, se apoiam, resistem, se espalham. Plantas como exemplos de maneiras de comunicação e cooperação. Pensar no tempo das plantas. “Não se pode separar - *nem fisicamente, nem metafisicamente* - a planta do mundo que a acolhe. Ela é a forma mais intensa, mais radical, mais paradigmática do estar-no-mundo.” (COCCIA, 2018:13)

3.2 Os tempos sombrios

Figura 27- Página do caderno de frases



Fonte: A autora, 2019.

No decorrer do tempo, outra expressão começou a chamar minha atenção. Comecei a notar o uso crescente da expressão “tempos sombrios”, especialmente em assuntos relacionados à conjuntura política e social no Brasil. Dei início então a uma pesquisa por frases que contivessem as palavras “tempos sombrios” em buscadores na *internet*, selecionando e capturando algumas delas, e organizando-as por ordem cronológica. Fui tentando, desde o início, fazer uma seleção do que eu ia juntando. Se nos *Dias Turbulentos* eu incluía no arquivo qualquer assunto, de várias épocas e contextos, nos “tempos sombrios”, sempre relacionadas ao momento atual e ao Brasil, eu eliminava de primeira assuntos que fugissem ao recorte que eu tinha definido.

Essa pesquisa seria uma espécie de mapeamento de discursos sobre o tempo presente. As frases que compõem o arquivo têm origem nos mecanismos de busca da *internet* ou através do *Google alerta*, um sistema do *Google* que pesquisa automaticamente palavras específicas e que são encaminhadas diariamente por *e-mail* para o usuário. As frases iam chegando em ritmos diferentes, variando com os acontecimentos em destaque no momento. Pude perceber um ritmo/intensidade que relaciona essa expressão com os momentos em que foram escritas. Por exemplo, no início da captura, em 2016, ano do *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, as citações ainda eram pouco frequentes. Em 2017, começaram a se intensificar, chegando no auge em 2018, especialmente entre os dois turnos da eleição presidencial.

Figura 28- *Tempos de luta*. Espada de São Jorge, linho bordado.



Fonte: A autora, 2019.

O que seriam os tempos sombrios? Por que estaríamos entrando ou retornando a tempos sombrios? Essas perguntas ressoavam na minha cabeça e me ajudaram a definir os critérios de seleção das frases. Ao longo da coleta, fui analisando que havia uma recorrente comparação com a época da ditadura militar. “Volta aos tempos sombrios” e “retorno aos tempos mais sombrios da ditadura” são frases comuns nesse sentido. De alguma maneira, o momento atual faz lembrar momentos do nosso passado recente que não foram devidamente trabalhados no presente.

Conclusão: a ditadura brasileira, tantas vezes celebrada como ditadura suave, (tal qual no infame jogo de palavras entre “ditadura” e “ditabranda”), porque não assassinou um número tão grande de vítimas como as de seus ilustres vizinhos, não é somente objeto de uma violenta coerção ao esquecimento, mas também é um regime que se perpetua, que dura e *contamina* o presente. (...) A luta pela revisão da lei da anistia, pela abertura dos arquivos secretos e pela restituição dos restos mortais dos desaparecidos, vai além de uma luta pelo esclarecimento do passado, pois visa também à transformação do presente (GAGNEBIN, 2014, p. 255).

Seria interessante pensarmos a forma como trabalhamos com essa memória no presente. Para Ecléa Bosi, “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho (...). A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição” (BOSI, 1994, p. 55). Como trabalhar a memória, mesmo aquela extremamente recente? Essa é uma das tarefas que procuro elaborar em meu trabalho.

Também procurei encontrar que outras denominações equivalentes a “tempos sombrios” têm sido usadas nesse mesmo período, como as pessoas estariam denominando os tempos de agora. Alguns desses tempos foram bordados em linho cinza com linha vermelha. O cinza remete a guerra, a prisões, a tempos de chumbo.

Os “tempos sombrios” só são tão sombrios por baterem na nossa cara, comprimirem nossas pálpebras, ofuscarem nosso olhar. (...) Na verdade, se olharmos a certa distância, não são apenas sombrios, mas cinzentos: o cinza triste do céu chuvoso e, mais ainda, o cinza-chumbo dos arames farpados, das armas de guerra e do próprio chumbo que as mais cruéis prisões utilizaram. Tempos sombrios são tempos de chumbo. Eles não só impedem nossa capacidade de ver mais além e, com isso, de desejar, mas são pesados, pesam em nossos ombros, em nossas cabeças, sufocam nossa capacidade de querer e de pensar (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 15).

Além das espadas-de-são-jorge, comecei a bordar junto das folhas as frases “Proteção para tempos sombrios” e “Resistência para tempos sombrios”. A ideia de associar resistência e proteção aos tempos de agora viria de um desejo de resposta, de reação ao que vivemos. “A origem do nosso mundo são as folhas: frágeis, vulneráveis e, no entanto, capazes de voltar e reviver após terem atravessado a má esta” (CO CIA, 2018, p. 32).

Figura 29- *Tempos tenebrosos*. Espada de São Jorge, linho bordado.



Fonte: A autora, 2019.

Analisei também que outras palavras/assuntos eram referidas repetidamente dentro dos textos que continham as frases que me eram enviadas. Procurava por palavras que se repetiam em vários textos e os agrupava e contabilizava para entender o contexto geral onde estava sendo sentido esses tempos sombrios, tentar entender quais assuntos estavam relacionados a essa sensação de estar entrando ou retornando a tempos sombrios. De modo geral, observei nesses textos duas tendências que mobilizam os afetos nesses discursos: por um lado, o obscurantismo, as trevas, as sombras, o retrocesso, o temor; de outro, a força, a resistência, a esperança e o afeto.

Figura 30- Palavras recorrentes associadas as frases dos tempos sombrios

* ABISMO * ABUSO * ACUSAÇÕES/ ACUSADO * AFETO/ AFETIVOS * AGRESSÃO/ AGRESIVO/ AGREDIDA * ALEGRIA * AMEAÇAS/ AMEAÇAM/ AMEAÇADAS * AMOR * ANGÚSTIA * ANISTIA * ANSIEDADE * ARBITRÁRIA/ ARBITRIO/ARBITRARIEDADE * ARMA DE FOGO * ARTE * ASSASSINATO/ ASSASSINADO/ ASSASSINO * ATAQUE/ ATACADAS * ATIVISMO/ ATIVISTAS * ATROCIDADES * AUTORITÁRIO/ AUTORITARISMO * BANIR/ BANIDOS * BARBÁRIE * CAMINHO/ CAMINHAREMOS * CENSURA/ CENSURAR/ CENSURADO * CIDADÃO DE BEM * CLANDESTINAMENTE/ CLANDESTINO/CLANDESTINIDADE * COLETIVA/ COLETIVO * COMBATE/ COMBATER * COMUNIDADE * COMUNISTA/ COMUNISMO * CONFLITO * CONSERVADORISMO/ CONSERVADOR * CONVIVÊNCIA/ CONVIVER * CORAGEM/ CORAJOSA * CORRUPÇÃO * CRIMINALIZAR/ CRIMINALIZAÇÃO * DEMOCRACIA * DEMONIZAÇÃO/ DEMONIZADO * DENÚNCIA/ DENUNCIAR/ DENUNCIAR * DESÂNIMO/ DESANIMAR * DESAPARECIDO/ DESAPARECIMENTO * DESESPERANÇA * DESIGUALDADE * DESRESPEITO * DESTRUIR/ DESTRUIÇÃO * DIÁLOGO/ DIALOGAR * DIREITOS * DIREITOS HUMANOS * DIVERSIDADE * DITADURA/ DITADOR/ DITATORIAIS * DOR/ DORES * ELIMINADOS/ ELIMINAÇÃO/ ELIMINAR * ENFRAQUECER/ ENFRAQUECIDAS * ENFRENTAMENTO/ ENFRENTAR * ESCÂNDALO * ESCURIDÃO * ESCUTA * ESFAQUEADO * ESMAGAR * ESPERANÇA * ESQUECER/ ESQUECIMENTO/ ESQUECIDOS * ESTADO DE EXCEÇÃO * EXÍLIO/ EXILARAM/ EXILAR * EXPULSAR * EXTERMÍNIO * FAKE NEWS * FAMÍLIA * FASCISTAS/ FASCISMO * FEMINISTA * FORÇA/ FORTALECER/ FORTALECE * FRATERNIDADE/ FRATERNOS * FUZILAR * GENOCÍDIO * GOLPE * GRITO/ GRITAR/ GRITARAM * HOMENS DE BEM * HOMICÍDIO * HOMOFÓBICO/ HOMOFOBIA * HORROR/ HORRORES * HOSTIL/ HOSTILIDADE * IDEOLOGIA/ IDEOLÓGICAS/ IDEOLOGICAMENTE * ILUMINAR/ ILUMINADA * IMAGINAR/ IMAGINÁRIA * IMPEACHMENT/ IMPEDIMENTO * INCERTEZAS * INDÍGENAS * INDIGNAÇÃO * INIMIGO * INJUSTIÇA/ INJUSTOS * INSATISFAÇÃO * INSURGIR * INTELECTUAIS * INTIMIDAR/ INTIMIDAÇÃO/ INTIMIDADO * INTOLERÂNCIA/ INTOLERANTE * INVASÃO/ INVADIDOS * INVERDADES * ISOLAMENTO/ ISOLADOS * LEMBRAR * LGBT/ LGBTQ+/ LGBTQIA+ * LIBERDADE/ LIBERDADE DE EXPRESSÃO/ LIBERDADE DE PENSAMENTO * LINCHAMENTO * LIVRE * LUTA/ LUTAR/ LUTAREMOS/ LUTOU/ LUTANDO * LUZ * MACHISTAS * MANIFESTAÇÃO/ MANIFESTAR/ MANIFESTANTES * MANIFESTO * MASSACRADO * MATA/ MATAVAM/ MATAM/ MATAR * MEDO * MEMÓRIA * MENTIRA * METRALHAR * MILITÂNCIA/ MILITANTES * MINORIAS * MISOGINIA/ MISÓGINO * MITO * MONSTRO * MORTE * NEGROS/ NEGRAS * OBSCURANTISMO/ OBSCUROS * ODIADORES/ ÓDIO * OPRIMIDO/ OPRIMIR/ OPRESSÃO/ OPRESSOR * PÁTRIA * PATRIARCAL * PERIGOSO/ PERIGO * PERSEGUIÇÕES/ PERSEGUIDOS/ PERSEGUIR * PESADELO * PESSOAS DE BEM * PRECONCEITO/ PRECONCEITUOSA * PRISÃO/ PRESO * PROTEÇÃO/ PROTEGEM/ PROTEGIDOS/ PROTEGER * PROTESTOS * RACISTA/ RACISMO * RAIVA * REACIONÁRIO * REGIME DE EXCEÇÃO * REGIME MILITAR * REPRESÁLIAS * REPRESSÃO/ REPRESSOR/ REPRESSIVA * RESISTÊNCIA/ RESISTINDO/ RESISTEM/ RESISTIR/ RESISTIMOS * REVOLUCIONÁRIO/ REVOLUÇÃO * RETROCESSO/ RETROCEDER * SEMENTE * SILÊNCIO/ SILENCIAR/ SILENCIAMENTO * SOBREVIVÊNCIA/ SOBREVIVENTES/ SOBREVIVER * SOFRER/ SOFREU * SONHAR/ SONHO * SUFOCAR/ SUFOCADA * TEMOR/ TEMIDO/ TEMER/ TEMEM * TENEBROSO * TERROR/ TERRORISMO/ TERRORISTA * TIRANO/ TIRÂNICO/ TIRANIA * TORTURA/ TORTURADO/ TORTURADORES/ TORTURAVAM * TOTALITÁRIO * TRANSEXUAIS * TRAVESTI * TREVAS * TRISTE/ TRISTEMENTE/ TRISTEZA * TRUCULÊNCIA/ TRUCULENTO * USURPADORES * VERDADE * VIOLAÇÃO/ VIOLADOR * VIOLÊNCIA/ VIOLENTA/ VIOLENTO * VULNERÁVEIS * XINGAMENTOS

Fonte: A autora, 2017.

No fim de 2017, bordei algumas dessas frases em tiras de *etamine* e expus como trabalho de fim de curso das professoras Regina de Paula e Inês Araújo. A exposição aconteceu n’A Mesa, uma pequena casa em frente a uma praça no morro da Conceição, no centro do Rio de Janeiro. As frases foram pregadas na parede em boa parte da extensão de um longo corredor, uma seguida da outra, formando uma linha. Como o corredor era estreito, o espectador ficava necessariamente muito próximo do trabalho e precisava se deslocar para ler as frases. Este trabalho não deixa de fazer referência ao livro, meio que me é tão caro, pois a leitura sugere um sentido e a faixa se desdobra como um papiro.

Figura 31- Frases tempos sombrios bordadas no étamine.



Fonte: A autora, 2017.

Em 2018, participei da exposição *Dissecada*, no espaço Marques 456, no bairro da Gávea, no Rio de Janeiro, apresentando *Proteção para tempos sombrios*, que consiste na junção espadas-de-são-jorge e frases com “tempos sombrios”. Em uma espécie de varal, pendurei a própria planta, pedaços de linho bordado com a planta e com palavras e um caderno que uso para colocar as frases que vou coletando. No chão, ficava uma espada. A linha fazia a ligação entre os elementos da instalação e tinha a cor das raízes da espada quando saudáveis. Usei pau de canela para pendurar os tecidos.

A ideia inicial era fazer um livro bordado com as frases, mas acabei optando por colocar os tecidos pendurados, como se fossem folhas penduradas de um livro. Dessa maneira, as pessoas podiam tocar, acessar, “folhear” essas frases. Tenho vontade que as pessoas consigam acessar o trabalho com as mãos, o que, nesse caso, funcionou bem, pois elas pegavam, tiravam da corda, liam, colocavam na corda de novo e mudavam de lugar. Pesquisando sobre o uso de trabalho pendurados em varais, cheguei em *A corda*, de Neide de Sá, que colocava recortes de jornais e revistas presas com pregadores de roupas em cordas. Esse trabalho foi criado em 1967 e foi remontado diversas vezes. A intenção da artista era que as pessoas pudessem mexer nos recortes e que assim pudessem ir rearrumando as manchetes.

Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os (BENJAMIN, 2009, p. 502).

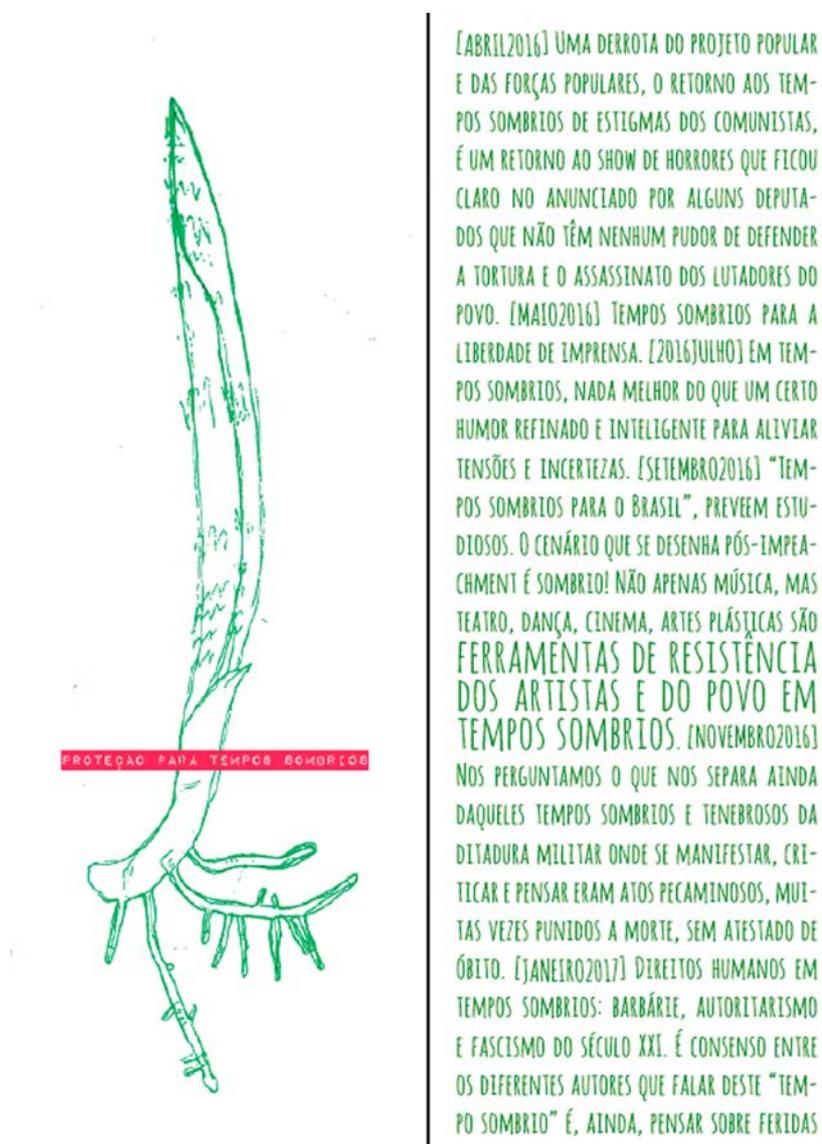
Figura 32- Varal com tecidos bordados e caderno de frases. Exposição Dissecadas. Espaço Marques 456.



Fonte: A autora, 2017.

Construir um livro em que o autor não escreveu nenhuma palavra, um livro feito de apropriações de escritos de outras pessoas. Como afirma Bourriaud, “uma quantidade cada vez maior de artistas vem interpretando, reproduzindo, reexpondo ou utilizando produtos culturais disponíveis ou obras realizadas por terceiros” (BOURRIAUD, 2009, p. 07). Trabalhar o texto como uma montagem de fragmentos de narrativas: diferente de um conjunto de citações, em que há o crédito ao autor, esse livro seria composto somente por frases apropriadas. A única maneira de encontrar o autor de cada frase seria pesquisando no próprio *Google*, de onde todas as frases vieram. Villa-Forte expõe a diferença entre citação e apropriação em seu livro sobre escritores que não escrevem:

Figura 34- Estudo de livro impresso com as frases dos tempos sombrios.



Fonte: A autora, 2019.

A diferença entre citação e apropriação é o fato da citação vir junto com o crédito, a referência à fonte, e a apropriação – próxima à lógica do saque –, nem sempre. (...) Citar é ressaltar um fragmento, elevá-lo à frente do seu conjunto anterior, dar-lhe destaque e trazê-lo a um nova situação. *Citare*, em latim, é pôr em movimento, fazer passar do repouso à ação. Já a montagem é o procedimento de selecionar, ajustar e ordenar partes a fim de alcançar, num todo, o resultado desejado (VILLA-FORTE, 2019, p. 27).

Sol Lewitt reflete sobre as vantagens dos livros de artista:

Livros de artista são, como qualquer outra mídia, um meio de transmitir ideias de arte do artista para o espectador/leitor. Ao contrário da maioria dos outros meios, estão disponíveis para todos a um custo baixo. Não precisam de um lugar especial para serem vistos. Eles não são valiosos, exceto pelas ideias que contêm. Eles contêm o material em uma sequência que é determinada pelo artista. (O leitor/espectador pode ler o material em qualquer ordem, mas o artista apresenta-o como acha que deve ser.) Mostras de arte vêm e vão, mas os livros ficam ao redor por anos. Eles são obras em si, e não reproduções de obras (LEWITT apud DERDYK, 2013, p. 217).

Por fim, seguindo o exemplo de Susan Sontag, que, em seu livro *Sobre a fotografia*, dedica o último capítulo a citações sobre o tema, homenageando Walter Benjamin e seu livro *Passagens* (2007), fui pesquisando autores que escreveram sobre tempos sombrios e fiz um apanhado de citações desses autores. Os tempos sombrios seriam aqueles em que a desesperança se impõe e, justamente por isso, a esperança precisa ser cultivada.

I

Eu vivo em tempos sombrios.
 Uma linguagem sem malícia é sinal de estupidez,
 Uma testa sem rugas é sinal de indiferença.
 Aquele que ainda ri é porque ainda não recebeu a terrível notícia.

Que tempos são esses,
 Quando falar sobre flores é quase um crime.
 Pois significa silenciar sobre tanta injustiça?
 Aquele que cruza tranquilamente a rua
 Já está então inacessível aos amigos
 Que se encontram necessitados?

É verdade: eu ainda ganho o bastante para viver.
 Mas acreditem: é por acaso. Nada do que eu faço
 Dá-me o direito de comer quando eu tenho fome.
 Por acaso estou sendo poupado.
 (Se a minha sorte me deixa estou perdido!)

Dizem-me: come e bebe!
 Fica feliz por teres o que tens!
 Mas como é que posso comer e beber,
 Se a comida que eu como, eu tiro de quem tem fome?
 Se o copo de água que eu bebo, faz falta a quem tem sede?
 Mas apesar disso, eu continuo comendo e bebendo.

Eu queria ser um sábio.

Nos livros antigos está escrito o que é a sabedoria:
 Manter-se afastado dos problemas do mundo
 E sem medo passar o tempo que se tem para viver na terra;
 Seguir seu caminho sem violência,
 Pagar o mal com o bem,
 Não satisfazer os desejos, mas esquecê-los.
 Sabedoria é isso!
 Mas eu não consigo agir assim.
 É verdade, eu vivo em tempos sombrios!

II

Eu vim para a cidade no tempo da desordem,
 Quando a fome reinava.
 Eu vim para o convívio dos homens no tempo da revolta
 E me revoltei ao lado deles.
 Assim se passou o tempo
 Que me foi dado viver sobre a terra.
 Eu comi o meu pão no meio das batalhas,
 Deitei-me entre os assassinos para dormir,
 Fiz amor sem muita atenção
 E não tive paciência com a natureza.
 Assim se passou o tempo
 Que me foi dado viver sobre a terra.

III

Vocês, que vão emergir das ondas
 Em que nós perecemos, pensem,
 Quando falarem das nossas fraquezas,
 Nos tempos sombrios
 De que vocês tiveram a sorte de escapar.

Nós existíamos através da luta de classes,
 Mudando mais seguidamente de países que de sapatos, desesperados!
 Quando só havia injustiça e não havia revolta.

Nós sabemos:

O ódio contra a baixeza
 Também endurece os rostos!
 A cólera contra a injustiça
 Faz a voz ficar rouca!
 Infelizmente, nós,
 Que queríamos preparar o caminho para a amizade,
 Não pudemos ser, nós mesmos, bons amigos.
 Mas vocês, quando chegar o tempo
 Em que o homem seja amigo do homem,
 Pensem em nós
 Com um pouco de compreensão.
 (BRECHT)

Os “tempos sombrios”, no sentido mais amplo que aqui proponho, não são em si idênticos às monstruosidades desse século, que de fato constituem uma horrível novidade. Os tempos sombrios, pelo contrário, não só não são novos, como não constituem uma raridade na história, embora talvez fossem desconhecidos na história americana, que por outro lado tem a sua bela parcela, passada e presente, de crimes e catástrofes. Que mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e que tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e freqüentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra — essa convicção

constitui o pano de fundo implícito contra o qual se delinearão esses perfis. Olhos tão habituados às sombras, como os nossos, dificilmente conseguirão dizer se sua luz era a luz de uma vela ou a de um sol resplandecente (ARENDDT, 1987, p. 09).

A fuga do mundo em tempos sombrios de impotência sempre pode ser justificada, na medida em que não se ignore a realidade, mas é constantemente reconhecida como algo a ser evitado (ibid., p. xxx).

Tempos sombrios: o que fazer quando reina a obscuridade? Pode-se simplesmente esperar, dobrar-se, aceitar. Dizermos a nós mesmos que vai passar. Tentarmos nos acostumar. Ou, melhor: na escuridão, pintamos o piano de branco. De tanto nos acostumarmos - e isso logo acontece, pois o homem é um animal que se adapta rápido -, não esperamos mais nada. O horizonte temporal do esperar acaba desaparecendo, como já tinha desaparecido nas trevas todo o horizonte visual. Onde reina a obscuridade sem limite não há mais o que esperar. Isso se chama submissão ao obscuro (ou, se preferirem, obediência ao obscurantismo). Isso se chama pulsão de morte: a morte do desejo. Walter Benjamin, num texto de 1933 intitulado “Experiência e Pobreza”, escreveu: “aqui e acolá, as melhores cabeças começaram a ter ideia dessas questões [questões urgentes, ligadas à situação política atual] (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 14).

CONCLUSÃO

O bordado tem relação com a manualidade e a imersão no tempo. Enquanto bordo, tenho tempo para refletir sobre o que me levou a bordar, sobre o que estou bordando, posso mudar de ideia no meio do caminho, desfazer, repensar e refazer. Este ato vem de um desejo de desacelerar a vida: ter tempo para ver as coisas com atenção, ler com atenção, repensando e reelaborando de uma maneira muito lenta. O bordado, assim como a memória, seriam maneiras de repensar, refazer, reconstruir.

O bordado seria uma tentativa de expandir ou frear o tempo, buscar criar mais tempo dentro do tempo. Vivendo em um mundo acelerado, em que estamos sempre correndo atrás de prazos e datas, como trabalhar com algo que demanda tanto tempo para ser feito? O bordado possibilita outra relação com a temporalidade, seria como reconstruir uma imagem ou reescrever uma palavra de forma extremamente lenta. Bordando, diminuo a velocidade, resistindo à quantidade de imagens e palavras produzidas cotidianamente, indo no caminho inverso da avalanche de acontecimentos e notícias que nos chegam a todo instante. Tento, de alguma forma, frear o tempo, na tentativa de usar a tecnologia, a imagem, a palavra, o trabalho e as relações de outra maneira. Leila Danziger escreve sobre essa outra relação com o tempo quando define o que seria a melancolia:

(...) uma forma de resistência ao aceleração vertiginoso do tempo, uma estratégia reativa a um tipo de temporalidade – excessivamente veloz e voraz – em que não apenas o passado, mas também o presente e o futuro nos parecem barrados e inacessíveis. Não se trata de uma recusa, mas de um descompasso, uma lentidão desejada, um desacerto produtivo (DANZIGER, 2012, pp. 53-54).

Utilizo o bordado como uma tentativa de fixar/guardar sensações, observações, sentimentos, imagens e momentos. Fixar aquilo que me afeta. Afeto vem do latim *affectus*, que significa tocar, comover o espírito e, por extensão, unir, fixar, significa disposição de alma, sentimento, aquilo que age sobre um ser. Vem do latim *affectus*, que significa tocar, comover o espírito e, por extensão, unir, fixar. Bordar afetos.

Escrever, fotografar e bordar seriam tentativas de fixar memórias. Segundo Gagnebin “a escrita deseja perpetuar o vivo, mantendo sua lembrança para as gerações futuras, mas só pode salvá-lo quando o codifica e o fixa, transformando sua plasticidade em rigidez,

afirmando e confirmando sua ausência — quando pronuncia sua morte” (GAGNEBIN, 2006, p. 06). Como na escrita, o bordar seria uma tentativa de “capturar” e “prender” frases ou imagens que transbordam por todos os lados da rede e que rapidamente desaparecem. Guardar memórias para poder rever, repensar, relembrar. Guardar para não esquecer, compondo um arquivo. O contrário de capturar seria soltar, libertar, deixar ir. Para Derrida, não haveria certamente desejo de arquivo sem a finitude radical, sem a possibilidade de um esquecimento que não se limita ao recalçamento. (...) não haveria mal de arquivo sem a ameaça desta pulsão de morte, de agressão ou de destruição” (DERRIDA, 2001, p. 32). O mal de arquivo estaria ligado ao apagamento da memória, ao esquecimento.

Figura 35 - Encontros Trocas Afetos. Bordado sobre tecido.



Segundo Huyssen,

Para onde quer que se olhe, a obsessão contemporânea pela memória nos debates públicos se choca com um intenso pânico público frente ao esquecimento, e poder-se-ia perfeitamente perguntar qual dos dois vem em primeiro lugar. É o medo do esquecimento que dispara o desejo de lembrar ou é, talvez, o contrário? É possível que o excesso de memória nessa cultura saturada de mídia crie uma tal sobrecarga que o próprio sistema de memórias fique em perigo constante de implosão, disparando, portanto, o medo do esquecimento? (HUYSSSEN, 2000, p. 19).

A vontade de arquivar, de guardar, surge do medo do esquecimento. Como lidar com a quantidade de acontecimentos e notícias que nos chegam a todo instante? Como não se perder no meio de tanta informação? A sensação de que o tempo passa cada vez mais rápido aumenta nossa vontade de querer guardar. Recebemos muita informação a todo instante e não sabemos como lidar com essa quantidade infinita de material. O que seria relevante guardar para ser revisitado em algum outro momento? Como fazer com que os acontecimentos do presente não sejam esquecidos? O que é necessário lembrar e o que é necessário esquecer? Cada vez é mais fácil a utilização de ferramentas que nos ajudam a acessar nossa memória: internet, jornais, livros, arquivos públicos, fotografias, objetos etc. Mas ao mesmo tempo em que há um aumento do acesso a essas ferramentas, há um exponencial crescimento da quantidade de material produzido. Dessa forma, vemo-nos impossibilitados de acessar e elaborar tanta informação. Tal como afirma Luiz Cláudio da Costa,

... a cultura da memória que surge por toda parte nos países ocidentais deve-se a um pânico público frente à efetiva possibilidade de esquecimento na era digital. Atravessamos um momento de transformação da experiência e da percepção do tempo causado pelo impacto das novas mídias digitais. Vivemos uma necessidade em relação à memória como forma de proteção contra a obsolescência e o desaparecimento (COSTA, 2014, p. 20).

A artista mineira Marilá Dardot, em seu trabalho *Diário*, de 2015, realizado em uma residência artística no México, busca explicitar esse rápido esquecimento de notícias diárias, transcrevendo com água em um muro de concreto manchetes sobre tragédias que encontra diariamente nos jornais. As notícias são absorvidas pelo muro antes mesmo que ela acabe de escrever a frase. A ação se repete por quase um mês e remete aos infinitos acontecimentos cotidianos que são rapidamente apagados da memória coletiva com a chegada de um próximo evento.

Escrever, fotografar e bordar são maneiras de tentar guardar algo que não queremos esquecer. São tentativas de não deixar que uma memória, um momento ou um sentimento se apaguem em definitivo. Para não esquecer, costumamos criar e/ou juntar materiais que nos

ajudem a lembrar: fotografias, diários, objetos, entre outros. Quando fotografo momentos que considero importantes e crio um álbum com essas fotos, estou produzindo um material que irá me ajudar a relembrar daquele momento. Quando escrevo ou bordo palavras, quero que aquilo fique gravado no papel ou no tecido, que se fixe na superfície e que dure por mais tempo.

(...) a escrita foi, durante muito tempo, considerada o rastro mais duradouro que um homem pode deixar, uma marca capaz de sobreviver à morte de seu autor e de transmitir sua mensagem. (...) E, às vezes, quando alguém escreve um livro, ainda nutre a esperança de que deixa assim uma marca imortal, que inscreve um rastro duradouro no turbilhão das gerações sucessivas, como se seu texto fosse um derradeiro abrigo contra o esquecimento e o silêncio, contra a indiferença da morte. (...) túmulo, signo, palavra, escrita, todos lutam contra o esquecimento (GAGNEBIN, 2006, p. 112).

Bordar é uma forma de guardar. Guardar para rever, relembrar, rememorar. Rememorar para resistir ao esquecimento e à ação do tempo. Rememorar para poder imaginar o que virá. Imaginar mundos. Costurar encontros. Desenhar caminhos. Fixar memórias. Bordar afetos.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- BARRETO, Paulo. (João do Rio). *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1991.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- CARREIRA, Lia Scarton. As apropriações de imagens do Google Street View. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL, 5., 2012, Goiânia. *Anais*. Monteiro, R. H. e Rocha, C. (org.). Goiânia: UFG, FAV, 2012.
- COCCIA, Emanuelle. *A vida das plantas: um metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2018.
- COSTA, Luiz Cláudio da. O tempo, a imagem e o arquivo. In: ENCONTRO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DA ESCOLA DE BELAS ARTES DA UFRJ, 15., Rio de Janeiro, 2008. *Anais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- COSTA, Luiz Cláudio da. *A gravidade da imagem: arte e memória na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2014.
- DANZIGER, Leila. *Todos os nomes da melancolia*. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v. 1.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DERDYK, Edith. *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*. São Paulo: Editora Senac, 2013.
- DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. São Paulo: Scipione, 1988.
- DERDYK, Edith. *Linhas de costura*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FEATHERSTONE, Mike. O “flâneur”, a cidade e a vida pública virtual. *In: ARANTES, Antonio A. (org.). O espaço da diferença.* Campinas, SP: Papyrus, 2000.

FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o bloco mágico (1924). *In: Imago*, v. 19. Rio de Janeiro, 1974.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer.* São Paulo: Editora 34, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração. Ensaio sobre Walter Benjamin.* São Paulo: Editora 34, 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história.* Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia.* Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.* Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 18, n. 37, 2012.

NEVES, Galciani. Vestígios de leituras ou os arquivos insones de Marilá Dardot. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS*, 20, Rio de Janeiro. *Comunicação*. [S.l.]: ANPAP, 2011.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas.* São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.